Acervo ISA
LUX JORNAL RECORTES LTDA
SUC. BELO HORIZONTE

ÍNDIOS MAXACALIS

Anúncio de demarcação já provoca atritos

PATRÍCIA PEREIRA

Os índios **maxacalis** formam uma das tribos que mais resistem à aculturação no País. Com duas áreas - as aldeias Pradinho e Água Boa - localizadas no município de Bertópolis, no Vale do Mucuri, os conflitos entre índios, fazendeiros, comerciantes e a população das cidades vizinhas se tornaram fatos comuns na região. Os fazendeiros acusam os índios de **roubo e matança do gado**. Os comerciantes também reclamam dos índios e foram orientados a não vender bebidas alcoólicas aos maxacalis. Um grupo de prefeitos se reuniu e enviou um ofício ao governo do Estado, pedindo providências.

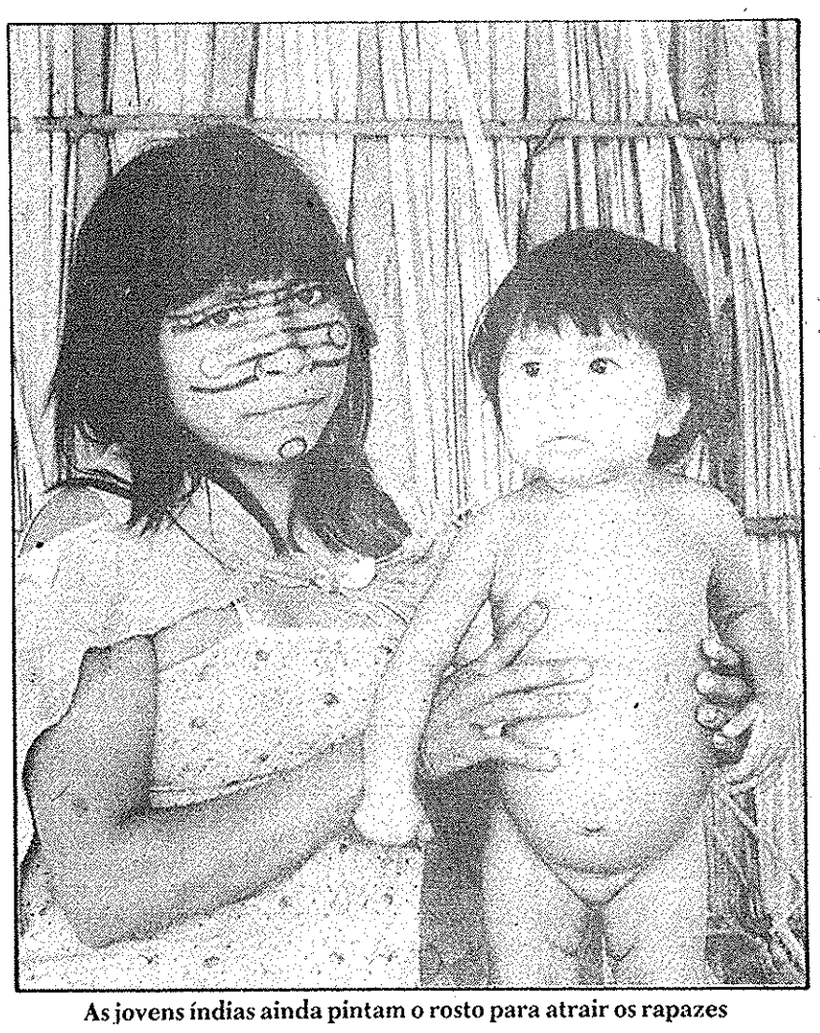
Os representantes da Fundação Nacional do Índio (Funai) estiveram, durante toda a semana passada, na região, tentando controlar a situação. Foram feitas reuniões com as tribos e com fazendeiros, na tentativa de conscientizá-los, explicando a situação. Para o chefe do Serviço de Assistência da Funai de Minas Gerais e do Espírito Santo, **Élio de Melo Palmeira**, que trabalha com índios há 20 anos, a publicação do edital que anuncia a demarcação das terras indígenas da região acirraram os ânimos.

A aldeia **Pradinho** tem 1.028 hectares e a de Água Boa, 2.412. No meio das duas aldeias, uma área de 1.864 hectares deverá ser incluída como terra indígena. O anúncio da ampliação foi feito em agosto. Hoje, cerca de 700 índios vivem nas duas aldeias, mas se mudam de uma para outra periodicamente devido a sua característica seminômade.

Justamente por causa desta característica, os índios ainda mantêm o hábito de pedir alimentos e "caçar" o gado, que, para o administrador regional da Funai em Governador Valadares, **Wilton Madson Andrada**, não é bem assimilado pelos moradores e fazendeiros da região. "Eles são muito primitivos. Viviam da caça e da pesca e, hoje, ainda vêem semelhança da caça ao abate do gado", explica Wilton Andrada, acrescentando que, pelo grau de aculturação dos maxacalis, existe uma dificuldade em assimilar costumes e culturas.

Fotos Afonso Silvestre

Os índios maxacalis têm uma vida seminômade, muitas vezes não compreendida pelos fazendeiros



As jovens índias ainda pintam o rosto para atrair os rapazes

Conscientização

A Funai vem tentando mudar a situação. Hoje, os índios são incentivados ao plantio de **culturas básicas**, o que vem sendo bem assimilado. "Eles estão plantando mandioca para o sustento. Mas, por causa da seca deste ano, houve perda quase total do milho e do feijão", informa o agrônomo e chefe da Seção de Produção da Funai de Governador Valadares, **Francisval de Oliveira Lobo**. Cerca de 30 hectares de terra já estão preparados para o plantio, logo que as chuvas começarem.

O agrônomo da Funai Francisval de Oliveira Lobo diz que os índios já plantaram 30 hectares

Os representantes da Funai rebatem as acusações contra os índios e lembram, inclusive, que foram os próprios maxacalis que já mantiveram todo o comércio de feijão de Batinga, distrito de Itanhém, a 15 quilômetros da aldeia Pradinho. Francis Val Lobo esclarece que, na verdade, a Funai não pode, hoje, desenvolver grandes projetos de agricultura junto aos índios, que não conseguem grandes plantios devido à **característica seminômade**. Eles costumam andar na região num raio de 300 quilômetros da aldeia, e, por pedirem esmolas, são taxados de preguiçosos.

"É muito fácil apontar alternativas para eles, mas conseguir implantar projetos e tirar proveito disso é o mais difícil. Eles têm uma cultura própria, que muitos não respeitam", assinala Wilton Andrada.

Aldeias ainda resistem à aculturação

O **atendimento médico** também vem sendo implantado nas aldeias, depois da assinatura de um decreto de 1991, que determina que a saúde do índio é responsabilidade do Ministério da Saúde. A Secretaria de Estado da Saúde também tem colaborado, inclusive com a doação de uma ambulância para cada uma das quatro reservas do Estado — Maxacali, Krenak (Vale do Rio Doce), Xacriabá (Norte) e Pataxó (região de Guanhães).

"Os municípios, também poderiam ajudar, até mesmo na conscientização dos índios, evitando a venda de bebidas e denunciando quem quer **tirar proveito** do índio", diz Wilton Andrada. Existem denúncias de que os índios são usados em abates clandestinos em troca de uma garrafa de cachaça. "A própria população é omissa e não denuncia nem colabora, só sabe discriminá-lo", frisa.

Se para os fazendeiros a terra é para exploração, para os índios a tendência natural é dizer que não precisam dela e vivem se deslocando, sem valorizar a terra. A maioria deles **não é alfabetizada**, mas alguns falam as duas línguas — o Maxacali e o Português. Rafael, o cacique da tribo, de 23 anos, é alfabetizado nas duas línguas. Segundo eles, Tek Tah é banana em Maxacali, Tek Tah Tah é banana madura e Ki To Ko é criança. Eles não diferenciam o verde do azul. O céu e a mata, para eles, tem a mesma cor. Até por isso, um professor na aldeia tem que ser habilitado, mas, segundo os representantes da Funai, os moradores da região não entendem a questão.

Antônio Maxacali vive do trabalho agrícola na aldeia de Pradinho

Problema de todos

A falta de conhecimento da cultura dos maxacalis leva as pessoas a pensarem que o problema do índio é exclusivamente da Funai, mas Wilton Andrada acha que passa por todos os segmentos da sociedade. "A maioria não conhece o problema do índio", confirma o enfermeiro **Gilson Sávio Santos**, responsável pelo atendimento na aldeia. Até na conscientização quanto à saúde, os Maxacalis carecem de conscientização. Quando um deles morre, a família põe fogo na taba e se muda para outro local. Respeitando a cultura e os costumes dos maxacalis aos poucos, segundo Gilson Santos, está sendo feito um trabalho de conscientização com a tribo.

Recentemente, a cólera matou quatro índios dos 34 suspeitos clinicamente de estarem contaminados com o vibrião. Gilson Santos informou que eles se conscientizaram que, a partir daí, só poderiam beber a água de uma única fonte, que é tratada. "O trabalho com a **cólera** foi muito elogiado e a doença não se expandiu para os municípios", avalia, informando que hoje a cobertura vacinal também é boa, pois os índios estão conscientizados da importância de tomar a vacina.

A resistência à aculturação é tão forte que, quando algum doente grave tem que ir para o hospital, a tribo não deixa o doente sair da aldeia e acredita que, através da religião, ele será curado. Realmente, como contam os representantes da Funai, os índios doentes se curam tamanha a religiosidade da tribo.

Conflitos têm início com chegada dos bandeirantes

*De acordo com um estudo realizado pela Fundação João Pinheiro em 1992, intitulado "A População Indígena de Minas Gerais", os maxacalis compõem um grupo que fala a língua Maxacali, do tronco **Macrojê**.*

Era um grupo seminômade, caçador e coletor, que tinha como território original a área compreendida entre o curso médio do rio Jequitinhonha, ao norte, e o curso do Mucuri, ao sul, sendo o limite na cidade de Araçuaí, e a leste, o litoral. Pelo estudo, percebe-se que, desde o século XVIII, existem conflitos entre os maxacalis e os brancos.

*Os maxacalis, assim como outros grupos Macrojê da região, tinham transformado as áreas compreendidas pelas capitanias de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo num refúgio seguro. Esta situação de acomodação só era interrompida por **entradas e bandeiras** que partiam da Bahia e São Paulo em busca de minerais e índios para aprisionamento. É justamente uma dessas primeiras bandeiras, a de João de Silva Guimarães, em 1734, que marca o primeiro contato com um dos grupos maxacalis que viviam na região.*

Provavelmente nas proximidades do rio Todos os Santos, um dos afluentes do Mucuri, houve o primeiro confronto entre eles.

*As primeiras notícias de aldeamento de grupos Maxacalis datam do século XVIII na área litorânea do atual Estado da Bahia, em São José de Porto Alegre, na atual cidade de Mucuri, na foz do rio Mucuri, e em Caravelas. O aldeamento de **São José de Porto Alegre** foi criado para os maxacalis que lá procuraram refúgio por causa da guerra movida pelos botocudos, que começavam a ser desalojados de seus territórios nos vales do Rio Doce e Jequitinhonha.*

*O aldeamento de Caravelas, o segundo a ser feito, foi o primeiro a ser abandonado. Os índios decidiram subir o rio Jequitinhonha, mas a miséria era tanta que a prática da **geofagia** era comum e a taxa de mortalidade muito elevada. A Câmara de Minas Novas decidiu distribuí-los entre os colonos e lavradores da região, garantindo mão-de-obra gratuita aos que se instalassem na região. Nesta época, os índios introduziram as panelas de cerâmica no Vale do Jequitinhonha e havia vários aldeamentos.*

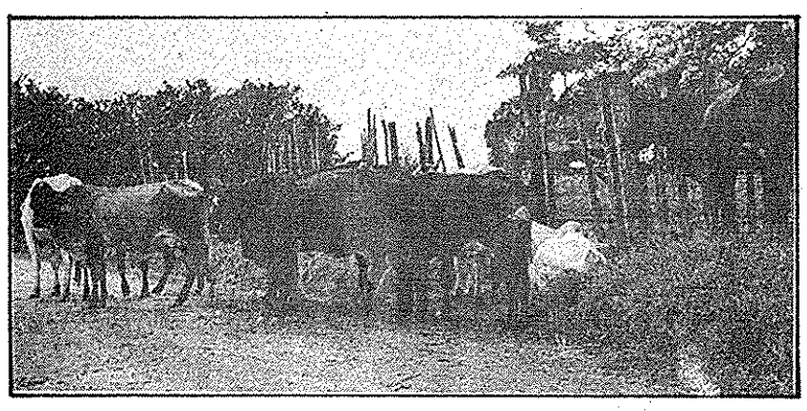
Com os brancos

As frentes de expansão que começaram a atingir a região eram de extração de madeiras, a pecuária e de pedras preciosas, determinando o contato com os Maxacalis refugiados. A ausência de estradas ainda permitiu aos índios manterem a integridade do seu território até o início deste século.

*A exploração econômica envolveu os índios no **processo econômico** como mão-de-obra, criando novos hábitos de consumo entre eles. Naquela época, eles começaram a atacar as roças. Ali, foi instalado o Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Os primeiros contatos entre os índios e os moradores da cidade de Machacalis ocorreram em 1914. Um grupo de 14 índios pintados e armados, falando poucas palavras em Português, procuraram os moradores locais para estabelecer trocas comerciais. Na perda da terra e na tentativa de **reconquista**, o SPI só retomou a questão em 1941, quando demarcou a área de Água Boa, garantindo um mínimo de condições de sobrevivência ao grupo. No entanto, a área correspondente à gleba, hoje conhecida como Pradinho, só foi demarcada em 56, porém mantendo separadas as duas áreas indígenas, criando problemas até hoje não solucionados na convivência entre os maxacalis e os fazendeiros.*

Marginalizados

*Hoje, os maxacalis têm a sua reserva no município de Bertópolis, no Vale do Mucuri, numa região de pecuária principalmente de corte. Os índios freqüentam as feiras de Batinga, na Bahia, e a de Balbinópolis, em Minas, inserindo-se no processo de comercialização local e participando marginalmente das **atividades sociais**, mas bastante limitada devido aos estereótipos negativos de "sujo, fedorento, cortador de língua, preguiçoso, bêbado e ladrão". Um dos fatores agravantes da desestruturação social dos maxacalis é a divisão da área em duas glebas, o que reduz a capacidade de circulação entre as duas aldeias, **aumentando a tensão** entre fazendeiros e índios. Todos os autores são unânimes em afirmar que a economia tradicional Maxacali era tipicamente a de uma sociedade de caçadores e coletores.*



Os índios são acusados de roubar o gado nas fazendas vizinhas

Comissão reativa projeto especial

Criada em 84, a Comissão Executiva Estadual para a Questão Indígena retomou suas ações no ano passado, após a paralisação de suas atividades por um período. Preocupado com a questão indígena, principalmente com os conflitos envolvendo os maxacalis, o presidente da Comissão, o vice-governador Arlindo Porto, *pediu recentemente a intervenção da Funai na tentativa de solucionar os problemas entre índios e fazendeiros.*

A Comissão tem a participação de secretarias de Estado, como a da Saúde, Educação e Agricultura, que vêm desenvolvendo projetos traçados num protocolo de ações *elaborado no ano passado. A Comissão, que integra ainda a Ruralminas, Fundação João Pinheiro e Funai, entre outras, atua no financimento de projetos, como o atendimento na área de saúde que vem sendo implantado nas aldeias das quatro tribos indígenas do Estado.*

Além disso, existem projetos que incluem a doação de sementes, a educação indígena e ainda programas de saneamento básico. De acordo com o assessor do presidente da Comissão, Mário Santiago, *Arlindo Porto tem mostrado preocupação com a questão dos índios e interesse em contribuir principalmente com os maxacali, que enfrentam há anos os conflitos na região.*

Vídeo exibe tradição e rituais

Uma equipe da Produtora Invervalo Cinema e Vídeo, de Belo Horizonte, esteve recentemente durante cinco dias na **aldeia Maxacali**, em Bertópolis, para a produção de um vídeo, mostrando a situação vivida pelos índios. Com 26 minutos de duração, o vídeo será exibido por enquanto apenas em Minas Gerais, em tevês a cabo e educativas. Mas a intenção do grupo é levá-lo ao exterior.

Para isso, um dos integrantes da equipe — composta por **Marcelo Brum, Cláudia Ribeiro de Oliveira, Érika Bauer de Oliveira, Gilberto Otero e Wilton Viotti** — viajou para contatos na Alemanha e Inglaterra. Patrocinado por uma entidade holandesa, o **Solidariedad**, este poderá ser o primeiro trabalho da Intervalo a ser exibido no exterior. O lançamento do vídeo está previsto para até fevereiro do próximo ano.

Marcelo Brum, porém, adianta cenas da filmagem. Eles conseguiram reunir imagens de rituais dos maxacalis e do cotidiano, além de cenas de caça, de cânticos e até de um ritual para trazer chuva para a região, bastante castigada pela seca. "Eles já estavam mesmo querendo fazer alguns rituais que não faziam há três meses. Como a gente queria fazer as filmagem, compramos a comida para eles utilizarem no ritual", conta Marcelo Brum, que realmente viu a chuva cair depois do ritual.

Durante as filmagem, ele pôde constatar a real resistência à aculturação. "Uma resistência à cultura daquele que os índios chamam de branco", assinala Marcelo Brum, que deu destaque ainda para o conflito entre os maxacalis e os fazendeiros da região, já que a reserva é cortada por um cordão de fazendas.

A equipe da Intervalo constatou também que a religiosidade entre os maxacalis é muito forte. Para entrar na aldeia e começar as filmagens, adquirindo a confiança dos índios, foi preciso que um dos caciques consultasse os espíritos, que disseram que eles também eram espíritos bons.